



A MARÉ QUE QUEREMOS

Bairro Maré, formado pelos seguintes sub-bairros: Conjunto Esperança, Vila do João, Vila dos Pinheiros, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiros, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias.

Ano: 2010

Sumário

Apresentação	03
1. O Bairro Maré	05
2. Um pouco da História de cada uma dos 16 sub-bairros que formam o bairro Maré	09
3. Demandas atuais apresentadas pelas Associações de Moradores para elaboração do projeto “ A Maré que Queremos”	32
4. Anexos	39

Apresentação

O presente documento sistematiza os resultados das discussões e reflexões do conjunto de dirigentes das Associações de Moradores da Maré que, desde maio do corrente ano, vem realizando encontros para discutir uma proposta conjunta de viabilização de um projeto estrutural para a região. A idéia de construção de um espaço que agregue as Associações de Moradores e, em médio prazo, outras instituições da Maré é uma proposta da Redes de Desenvolvimento da Maré, instituição Não-Governamental, que tem como missão estratégica promover a construção de uma rede de desenvolvimento sustentável no bairro por meio de projetos que articulem instâncias governamentais, empresas, organizações não-governamentais, técnicos e pesquisadores de universidades, associações locais e moradores de modo geral, além de parlamentares que atuem em temas de interesse das comunidades. Todos esses atores devem estar comprometidos com a transformação estrutural do bairro.

A compreensão primeira é de que alguns problemas estruturais da região atravessam o tempo e fazem com que exista uma defasagem significativa na qualidade de vida dos moradores, o que pode ser verificado pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Maré, em relação ao resto da cidade. Encontrar resposta para tantas questões envolve repensar o papel do poder público e das instituições da Maré, de modo geral. Por isso, A primeira parte do projeto consistiu em reunir todos os dirigentes das associações de moradores em encontros periódicos, que aconteceram semanalmente, desde o mês de maio, no Centro de Artes da Maré. Esses encontros provocaram a reflexão do grupo a respeito dos principais problemas que afetam a vida dos moradores da Maré e o que se observou, no geral, é que apesar de uma comunidade ser diferente da outra, os problemas se repetem.

Na segunda etapa do processo de desenvolvimento do projeto, serão realizadas reuniões com os governos municipal, estadual e federal, a fim de se garantir que o conjunto de proposições dos dirigentes das Associações de Moradores possa, de fato, se tornar propostas concretas de definição de um Plano

de desenvolvimento Local para o bairro Maré. Neste sentido, serão realizados encontros com cada dirigente dos órgãos públicos, com o objetivo de se elaborar uma agenda de trabalho e priorização das demandas pelo governo que resultem na melhoria da qualidade de vida dos moradores da Maré. Todas essas iniciativas deverão ser discutidas e apresentadas em reuniões com os moradores de cada um dos 16 sub-bairros da Maré

Neste sentido, esse primeiro documento faz uma pequena apresentação da origem de cada sub-bairro da Maré, da Associação de Moradores, além de sistematizar as primeiras demandas e desejos de mudanças dos dirigentes dessas instituições.

Que seja, então, um bom começo para todos!!!

1. O bairro Maré

1.1. O processo de formação da Maré

Em 19 de janeiro de 1994, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro criou, a partir da Lei Municipal 2.119, o bairro Maré. No entanto, as discussões que culminaram na criação da lei não contaram com a participação dos moradores e muito menos se previu o aporte financeiro necessário para investimentos que realmente transformassem as comunidades que estavam sendo unificadas sob o nome de Maré – esse nome diz respeito ao fato de grande parte do novo bairro ter sido construído sob as águas da Baía de Guanabara – em um bairro dotado de toda a infra-estrutura necessária.

Até hoje é um desafio pensar a Maré globalmente e fazer com que seus moradores e instituições ajam de maneira integrada na busca por melhores condições de vida. Contudo, é necessário esse esforço e o primeiro passo no sentido de unificar as lutas por um projeto estruturante para a Maré é conhecer melhor sua história e reconhecer a diversidade das suas comunidades, bem como o potencial de cada uma delas.

A Maré foi construída por pessoas de diversas origens, dos mais variados cantos do país e do Rio de Janeiro o que lhe confere ainda hoje uma variedade cultural e uma miscigenação extraordinária. A região localizada hoje entre as três principais vias da cidade, ou seja, Linhas Vermelha e Amarela e Av. Brasil, fora habitada desde tempos remotos pelos índios e nos séculos XVIII e XIX seus portos serviam para o transporte de pessoas e de um intenso comércio entre os distantes subúrbios e o centro da cidade. O próprio rei D. João VI utilizava o porto de Inhaúma - vindo pela atual rua Guilherme Maxuel – que ficava localizado ao pé do Morro do Timbau quando ia de São Cristóvão para o Paço Imperial na Praça XV.

Efetivamente a ocupação da Maré começa nos anos 40 quando algumas pessoas se encantaram com a beleza da baía de Guanabara e os manguezais que formavam a paisagem primitiva da Maré e resolveram construir as primeiras casas a partir do material que a própria Maré trazia como paus, latas, papelão, etc. Obviamente essas pessoas não ficaram apenas por conta da beleza do lugar, pesou bastante em tal decisão o preço dos aluguéis das “casas de cômodos” no Centro da cidade. Cabe ressaltar que a maioria dos

primeiros moradores da Maré era de origem muito humilde e vinham do nordeste, do interior do estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Um fato fundamental para o estabelecimento definitivo da Maré foi que em 1940, começa a ser construída a “variante”, atual Av. Brasil. Essa via rodoviária começa a ser instalada paralela à área onde se constituiu a Maré. Ela ligaria o Centro da cidade aos distantes subúrbios cariocas. A intenção principal era a de alargar a malha industrial da cidade já “espremida” no centro. A construção da Av. Brasil foi de suma importância para os novos moradores que chegavam à Maré, pois ela oferecia oportunidade de trabalho direto – sobretudo para a mão-de-obra não-qualificada que seria aproveitada principalmente na construção civil - além de atrair efetivamente várias indústrias para a região. Exemplo disso é a construção da Refinaria de Manguinhos(1954), que consolidou a área como pólo de desenvolvimento industrial com ampla oferta de empregos e oportunidades econômicas. Também é digna de nota, a construção na mesma época, da cidade Universitária que abrigaria a Universidade do Brasil – atual UFRJ. Muitas outras empresas e indústrias foram instaladas ao longo da Av. Brasil e no bairro de Bonsucesso, vizinho a Maré.

Desde então a Maré viveu um intenso processo de crescimento e ampliação de sua área original. Podemos dividir esse crescimento em 2 fases: na primeira temos a constituição dos núcleos originais de habitação construídos pelos primeiros moradores da região, são eles: Timbau(1940), Baixa do Sapateiro(1947), Conjunto Marcílio Dias(1948), Parque Maré(1953), Parque Rubens Vaz(1954); Parque Roquete Pinto(1955), Parque União(1961) e Praia de Ramos(1962); a segunda fase de crescimento está ligada a intervenção do poder público que construiu as seguintes comunidades: Nova Holanda(1962), Conjunto Esperança(1982), Vila do João(1982), Vila do Pinheiro(1983), Conjunto Pinheiro(1989), Conjunto Bento Ribeiro Dantas(1989), : Nova Maré(1996) e Salsa e Merengue(2000).

Essas duas fases se distinguem ainda pelas relações estabelecidas com o poder público: no primeiro momento (1940-1980) havia ameaça de remoção por parte do Estado sobre os moradores. Tais ameaças eram constantes e por vezes havia violência. Havia ainda controle sobre os moradores, seja pelas forças policiais, exército ou por instituições do Estado como a Fundação Leão XIII que imprimiam o medo ao cotidiano dos moradores.

Desse modo, uma das principais preocupações que perpassava por todas as comunidades formadoras do núcleo inicial da Maré era o medo da remoção. Desde o início, essa era a maior aflição dos moradores, ninguém queria ir morar nos distantes subúrbios, sentimento que se consolida a medida que as comunidades foram criando raízes e os laços de parentesco e amizade se firmaram como norteadores das relações sociais. É comum, entre moradores mais antigos, a referência a esses laços como um dos principais motivos para a luta pela permanência das comunidades, esses motivos se igualam a questões econômicas, tais como menor custo da moradia e proximidade do emprego.

Mas, o medo de remoção só começou a se esvaecer com o anúncio do Projeto-Rio – muito embora, no início ele tenha contribuído muito mais para aumentar esse temor. Isso porque as informações sobre seu conteúdo eram bastante contraditórias - programa do governo federal que fixou definitivamente a Maré onde ela esta hoje. Esse projeto foi anunciado em 1979, com grade cobertura da mídia¹.

Ele consistia em um ambicioso programa do governo federal para a erradicação e urbanização das favelas cariocas que iria da ponta do Caju até Duque de Caxias, perfazendo um total de 27 quilômetros. O Projeto-Rio tinha como idéias principais: a remoção dos moradores da Maré para conjuntos habitacionais²; o saneamento da orla da Baía de Guanabara; a urbanização das áreas aterradas e secas da Maré; a construção de conjuntos habitacionais pelo programa habitacional PROMORAR que resultou na construção da Vila do João(1982) e na Vila do Pinheiro(1983).

É digno de nota que o Projeto-Rio contou com a fiscalização dos moradores. As associações de moradores tiveram papel fundamental, pois cobravam do poder público sempre que apareciam problemas, principalmente quando o cronograma das obras atrasava. Em 1985, foi anunciado o fim do Projeto-Rio, embora as obras prometidas ainda não tivessem sido concretizadas. Nesse momento, as Associações de

¹ A Maré era observada com grande curiosidade pelos meios de comunicação. É rico o material sobre essa fase da história da Maré.

² A reação dos moradores a essa notícia foi tão forte que fez com que a remoção fosse revista, só os moradores das palafitas seriam retirados e levados para os conjuntos habitacionais na própria Maré.

Moradores articularam-se e juntas cobraram, com protestos, passeatas e a ocupação da sede da Caixa Econômica Federal, a conclusão das obras. O movimento dá certo e no início dos anos 90 as obras estavam praticamente concluídas.

Neste ponto, cabe destacar pelo menos uma questão inerente à formação da Maré: a luta dos moradores contra as imensas adversidades sejam elas decorrentes da geografia e condições naturais do local ou decorrente da política de remoção que pairava como uma ameaça iminente. E ainda: a capacidade organizativa desses moradores. A conclusão do Projeto Rio é prova disso. Na verdade, ele só foi concretizado porque as lideranças locais, as Associações de moradores e os próprios moradores se uniram e pressionaram o Estado no sentido da finalização das obras.

Entre as décadas de 1980 e 2000, tem-se a segunda fase de crescimento e desenvolvimento da Maré. O poder público (incluindo o governo estadual e o federal) construiu novas comunidades que passaram a integrar o bairro, foram elas: Nova Holanda(1962), Vila do João(1983), Conjunto Pinheiros(1989), Conjunto Bento Ribeiro Dantas(1992), Nova Maré(1996) e Salsa e Merengue(2000). Contudo, essas comunidades assim como as primeiras enfrentam e ainda enfrentam graves problemas estruturais, pois o Estado não se preocupa com a manutenção de serviços ou de melhorias que devem ser feitas constantemente.

A história da Maré nos apresenta um quadro de lutas e de unificação das ações de seus moradores, associações e instituições na defesa de transformações que melhoraram a qualidade de vida ao longo do tempo. Isso significa que é possível, no presente, juntar novamente forças para que novas ações sejam desenvolvidas e gerem um projeto estruturante que possa transformar a Maré em um bairro de fato, integrado à cidade e com os direitos de seus moradores reconhecidos e assegurados.

Por isso é necessário que a Maré, com cada uma das comunidades que a compõe, esteja unida em prol da criação de um projeto estruturante que possa ajudar a melhorar seus indicadores sociais e aproximar esses índices dos patamares de outros bairros da cidade. É esse o objetivo maior do Projeto “A Maré que Queremos”.

2. Um pouco da História de cada um dos 16 sub-bairros que formam o bairro Maré

2.1- Um pouco da História do Conjunto Esperança (1982)



O conjunto Esperança foi uma das comunidades construídas pelo poder público em 1982, na Maré. Ele foi viabilizado como uma das ações implementadas pelo Projeto-Rio na região como uma das soluções para abrigar moradores da Maré que estavam sendo removidos das palafitas. Parte, porém dos moradores foram oriundos da Maré e outros não. No total o Conjunto recebeu pelo menos 7000 pessoas que passaram a morar em cerca de 1400 apartamentos, distribuídos em 35 edifícios. No início a vida no novo conjunto habitacional não foi fácil pela falta, principalmente, de serviços e comércio próximo. Isso refletia a falta de planejamento por parte do governo militar – o Brasil vivia ainda a ditadura – ao reassentar as famílias na localidade. Com a ausência de comércio na origem, os moradores foram improvisando e criando novos espaços, além dos prédios. Na parte final da comunidade, às margens da Baía de Guanabara, surgiu ao longo do tempo

de sua existência novas construções formadas por casas construídas pelos próprios moradores, denominada Vila Esperança.

A Companhia de Habitação do estado do Rio de Janeiro foi a responsável pela seleção e instalação dos moradores no conjunto. O Conjunto Esperança fica localizado próximo ao prédio de expansão da Fundação Oswaldo Cruz, com acesso pela Avenida Brasil, tendo sido edificado às margens do Canal do Cunha.

2.1.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Esperança
- B. Data da Fundação:** Janeiro de 1983
- C. Nome do Presidente atual:** Marilene Lopes da Silva
- D. Endereço da Associação:** Manoel Falcão A. Maranhão, n.129. CEP:210416151
- E. Telefone:** 2573-59-58
- F. Email:** Não possui

2.2- Um pouco da História da Vila do João (1982)



Elisângela Leite

A Vila do João foi erguida pelo Projeto Rio, do Governo Federal, no início da década de 1980. O Projeto Rio logo gerou grande controvérsia porque o governo

se limitou a erradicar as áreas alagadas. Mas o que fazer com a população que era retirada desses espaços? Segundo levantamento inicial, nesta época um terço dos habitantes da Maré morava sobre palafitas, principalmente nas comunidades da Baixa do Sapateiro, Nova Holanda e Parque Maré. Depois de muita polêmica, os moradores começaram a ser transferidos para o primeiro conjunto habitacional construído como uma das ações do Projeto Rio, a Vila do João.

O objetivo de acabar com as moradias denominadas palafitas foi materializado a partir da edificação de casas pré-fabricadas sobre aterros na Baía de Guanabara. As casas coloridas que caracterizaram a Vila do João, na origem, foram inauguradas em plena campanha para o governo do Estado. O colorido das casas ficou conhecido preconceituosamente de “Inferno Colorido”, mas na década de 90 esse apelido caiu em desuso. O seu nome original é uma homenagem ao então Presidente da República, General João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979-1985). Quando o conjunto foi inaugurado o presidente veio pessoalmente entregar aos moradores o título de propriedade. Esse ato, político, contribuiu para que os moradores da Vila do João estejam entre os poucos residentes da Maré que receberam títulos de propriedade.

Essa comunidade representava um símbolo de prosperidade para os militares, que batizaram a creche da comunidade de Tia Dulce, em alusão à primeira-dama Dulce Figueiredo e que, atualmente, foi rebatizado de Espaço de Educação Infantil.

2.2.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores da Vila do João – AMOVIJO
- B. Data da Fundação:** 25/02/1997
- C. Nome do Presidente atual:** Marco Antônio Barcellos Gomes
- D. Endereço da Associação:** Rua 14, 222/224 / CEP.: 21040-000
- E. Telefone:** (21) 3104-9785 (21) 7869-4044
- F. Email:** amovijo.rj@hotmail.com; amovijo.rj@gmail.com

2.3 Um Pouco da Historia do Conjunto Habitacional dos Pinheiros (1989)



O Conjunto Habitacional Pinheiros, também erguido em 1989 como uma das ações do Projeto Rio, do Governo Federal, é constituído por grandes blocos de prédios multifamiliares de formas retas e modernistas. O Conjunto Pinheiro é um dos poucos conjuntos habitacionais construídos na Maré que vem mantendo a arquitetura original, apesar da construção de garagens dentro dos terrenos de cada prédio, já que no projeto de origem não foram previstos espaços para futura expansão dos apartamentos. Além da construção de “puxadinhos” que foram transformados em birosacas e outros tipos de comércio.

Em 1999, os 34 prédios passaram por reformas custeadas pela Companhia Estadual de Habitação (CEHAB). A reforma consistiu na recuperação do revestimento externo, pintura externa das esquadrias, impermeabilização das caixas d’água, reforma dos telhados e dos esgotos. O projeto não mudou a estética inicial.

Seus prédios margeiam a Avenida Bento Ribeiro Dantas, junto à ciclovia da comunidade.

2.3.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros
- B. Data da Fundação:** 24 de Maio de 1987
- C. Nome do Presidente atual:** Eunice Cunha de Pinheiros
- D. Endereço da Associação:** Av. Bento Ribeiro Dantas B 13 102 Conjunto Pinheiro
- E. Telefone:** (21) 3109-04-26 / 3104- 7502

2.4. Um pouco da História da Vila dos Pinheiros (1983)



A área denominada genericamente como "Pinheiro", é fruto de um aterro promovido à época do Projeto Rio que ligou a Ilha do Pinheiro ao continente, o que resistiu até o aterro da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão. A ilha chegou a ser conhecida também como Ilha dos Macacos, por ser área de experiência pelos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz com esse animal.

A Vila dos Pinheiros foi construída, então, para complementar a segunda fase do Projeto-Rio, passando a receber moradores das palafitas da Maré. Nesse sub-bairro há um espaço verde preservado denominado Parque Ecológico ou como é, ainda, conhecido por “Mata”, este fica localizado bem no meio da Vila dos Pinheiros. O Parque Ecológico, apesar de estar localizado dentro da Vila dos Pinheiros, este possui uma organização própria, através da criação de uma Associação de Moradores. A Vila dos Pinheiros foi constituída por casas de pequenas dimensões, germinadas, unifamiliares. Atualmente poucas casa guardam a estrutura original.

Na área onde fica a Vila dos Pinheiros foram construídas novas residências, após a transferência dos primeiros moradores. A nova ocupação recebeu moradores remanescentes de enchentes, os quais não foram agraciados com residências em outras localidades. Essas casas foram batizadas popularmente como Marrocos.

2.4.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. A. Nome da Organização:** Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros
- B. Data da Fundação:** 26/05/1987
- C. CNPJ:** 31.158.934/0001-80
- D. Nome do Presidente atual:** Monica Gorito Adriano
- E. Endereço da Associação:** Via A1, n 135, CEP: 21046-035
- F. Telefone:** (21) 3109-2576/ 7863-3372
- G. Email:** comovipi2010@hotmail.com

2.4.2. Dados da Associação de Moradores do Parque Ecológico

- 1) Nome da Organização:** Associação de Moradores do Parque Ecológico da Vila dos Pinheiros
- 2) Data da Fundação:** 2001
- 3) Nome do Presidente atual:** João Claudio de Souza Lima
- 4) Endereço da Associação:** B9, n 01
- 5) Telefone:** (21) 3104-8950 / 9522-1666
- 6) Email:** claudioparqueecologico@hotmail.com

2.5. Um pouco da História de Salsa e Merengue (2000)



O Sub-bairro denominado Salsa e Merengue esta localizado na área conhecida como Vila dos Pinheiros. A sua construção como conjunto aconteceu a partir da necessidade de se abrigar famílias oriundas de áreas consideradas inapropriadas para residência, como é o caso dos moradores que residiam em torno do Rio Faria Timbó e, também, que foram atingidas por enchentes ocorridas no final da década de 90.

Inicialmente, a Prefeitura do Rio de Janeiro construiu galpões provisórios, os quais foram batizados pelos moradores de Kinder Ovo, uma alusão ao chocolate em formato de ovo que traz sempre um brinquedo surpresa para ser montado. O Salsa e Merengue foi inaugurado em 2000 com nome oficial de Novo Pinheiro, porém os moradores logo mudaram esse nome para Salsa e Merengue, uma menção à novela televisiva Salsa e Merengue, devido ao colorido das casas. O novo Sub-bairro não possui uma Associação de Moradores própria. Na realidade, esse novo conjunto de casas é parte integrante da Associação de Moradores da Vila dos Pinheiros.

2.6. Um pouco da História do Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992)



O Conjunto Bento Ribeiro Dantas foi erguido em frente ao Conjunto dos Pinheiros. Este ocupa a área onde existiu, no passado, a praia e o Porto de Inhaúma. Inaugurado em 1992, o seu projeto é de inspiração pós-modernista, utilizando o tijolo e o concreto aparentes, que lhe dá uma estética própria, bem diferente dos prédios

modernistas do Conjunto Pinheiros. Esse modelo seria repetido num outro projeto de construção de casas também no bairro Maré, o conjunto Nova Maré. Os moradores que vieram habitar o Conjunto Bento Ribeiro Dantas vieram de áreas da cidade consideradas de risco para edificação de casas. A Prefeitura do Rio, através do Programa Morar Sem Risco, é que identificava e classificava essas áreas na cidade do Rio de Janeiro com possibilidade ou não de receber urbanização.

2.6.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas
- B. Data da Fundação:** 1995
- C. Nome do Presidente atual:** Cremilda Vicente de Carvalho
- D. Endereço da Associação:** Av. Bento Ribeiro Dantas, s/n / CEP.: 21042-000
- E. Telefone:** (21) 2005-5890 / 9797-2038 / 7888-9216
- F. Email:** layzperes@yahoo.com.br; layzperes@gmail.com; laysperes@hotmail.com

2.7. Um pouco da História do Morro do Timbau (1940)



Morro do Timbau, segundo a historiadora Lílian Fessler Vaz³, começou a ser ocupado quando uma senhora de nome Orosina teria decidido se estabelecer nesse

³ VAZ, Lílian Fessler. História dos Bairros da Maré: espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré. UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

local, a partir de um passeio com seu marido à região. Essa senhora teria ficado encantada com a paisagem e, principalmente, teria vislumbrado a possibilidade de construir nesse local uma moradia que a aliviaria do fardo de pagar o aluguel de sua precária habitação no Centro da cidade. Assim, as terras devolutas da única área seca da Maré ofereciam alternativa para aqueles que, premidos pelas condições econômicas, estivessem em busca de um local para morar.

Além da questão habitacional, outros fatores foram fundamentais para a consolidação da ocupação no Morro do Timbau: a construção da “variante Rio - Petrópolis”, atual Av. Brasil, a instalação da refinaria de manguinhos, a construção da cidade universitária que abrigaria a UFRJ e a instalação de fábricas ao longo da Av. Brasil e no bairro de Bonsucesso.

Atualmente, um dos traços que distinguem o Morro do Timbau das outras comunidades da Maré é a sua baixa densidade demográfica e a renda média de seus moradores, um pouco superior às demais comunidades da Maré. Isso se deve, em grande parte, à maneira como ele foi ocupado a partir do ano de 1947. Nesse ano ocorre a transferência para a região de uma unidade móvel do exército⁴.

Preocupados com o constante crescimento do número de moradias, os militares resolveram tomar para si a prerrogativa de controlar a ocupação do Morro. Passaram a coordenar a construção de ruas e casas, e a influir nas relações entre os moradores. Porém, isso era feito de forma bastante arbitrária e autoritária. Cobravam-se taxas de ocupação irregulares – os militares diziam que aquelas terras pertenciam ao exército, fato que mais tarde comprovou-se ser inverídico – proibiam a construção de casas de alvenaria, diziam quem podia ou não morar ali.

Dois foram os efeitos principais da ação do exército: o primeiro diz respeito à ordenação da ocupação espacial. Embora feita em bases autoritárias, garantiu que o espaço fosse mais bem aproveitado e menos “precarizado”. O outro efeito foi que o abuso de poder dos militares refletiu na comunidade que, para enfrentá-lo, criou em 1954, a Associação de Moradores do Timbau, uma das primeiras do Rio de Janeiro. A partir daí os moradores passaram a exigir seus direitos de forma organizada.

⁴ Em 1947, o 1º Regimento de Carros de combate foi transferido para a Maré, próximo ao Morro do Timbau. A transferência se deu por conta da construção do estádio do Maracanã – o quartel ficava na área que seria atingida pelas obras - que abrigaria a Copa do Mundo de 1950.

A origem do nome desse Sub-bairro vem do tupi-guarani "thybau", que quer dizer "entre as águas", originalmente uma área seca entre os manguezais e alagadiços à margem da Baía de Guanabara. A ponta ou Morro do thybau era uma das únicas localidades em terra firme.

2.7.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores do Morro do Timbau
- B. Data da Fundação:** 31/08/1954
- C. Nome do Presidente atual:** Osmar Paiva Camelo
- D. Endereço da Associação:** Rua dos Catés, 131 / 21042-070
- E. Telefone:** (21) 3105-7008 / 7873-5553
- F. Email:** associacaotimbau@gmail.com;osmarcamelo@bol.com.br

2.8. Um pouco da História da Baixa do Sapateiro (1947)



Ainda na década de 40, e a partir do Timbau, se desenvolveu outra comunidade localizada na área alagada que começava no sopé do Morro. Ela ficou conhecida como Baixa do Sapateiro. Sua ocupação teve início em 1947, a partir de um pequeno grupo de palafitas de madeira conhecido como Favelinha do Mangue de Bonsucesso. Existem três versões para a origem do atual nome da comunidade:

- Haveria realmente um sapateiro na ocupação inicial da área;
- Seria uma alusão à Baixa dos Sapateiros em Salvador, na Bahia, uma vez que, na origem, a comunidade era integrada por vários imigrantes nordestinos;
- Seria uma referência à vegetação de manguezal, em que predominava a espécie *Rhizophora mangle* (mangue vermelho), denominada popularmente como sapateiro. Essa espécie era extraída para a produção de tamancos, um calçado popular entre a comunidade de origem portuguesa no Rio de Janeiro.

Iniciada a partir das obras para a abertura da Av. Brasil, a comunidade tomou impulso com a construção do primeiro grande aterro, promovido dentro do projeto de construção da Cidade Universitária, em torno da Ilha do Fundão. Com a construção da ponte Osvaldo Cruz, a região tornou-se trânsito obrigatório para quem ia e vinha do Fundão. Por essa razão, moradores expulsos das ilhas aterradas e operários da construção iam erguendo os barracos à noite, com sobras de materiais de construção (madeira e latas), sobre palafitas de cerca de dois metros de altura.

Dessa forma, processo de formação e ocupação desse novo espaço foi muito diferente do Morro do Timbau, pois não existia chão para construir e, pelo contrário, foi sob as águas da Baía de Guanabara que os novos moradores construíram suas casas.

A instabilidade era total, pois apesar de estar livre do controle do exército a nova comunidade constantemente era vítima da brutalidade da Guarda Municipal, que fora criada exatamente para combater o crescimento das favelas na cidade e que sem nenhum respeito pelos moradores punha abaixo os barracos. Assim, os moradores da Baixa do Sapateiro criaram táticas bem interessantes para resistir às tentativas de desocupação. Uma delas era construir os barracos e as “pontes” de madeira que os ligavam sempre à noite, pois assim estariam livres dos olhos dos guardas, de suas marretas e cordas⁵. Pela manhã os barracos eram ocupados pelas mulheres e crianças que sob hipótese alguma podiam sair do seu interior, pois assim os guardas-municipais não poderiam destruir a nova moradia.

Como no Timbau, a necessidade de lutar pela permanência no local fez com que os moradores da Baixa do Sapateiro criassem uma Associação⁶. A partir desse momento a resistência ao arbítrio do poder público e, assim, os moradores se tornaram mais

⁵ Os barracos eram amarrados e puxados todos de uma vez por tratores da Guarda-Municipal.

⁶ Fundada em 1957 com o nome de “União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro”.

organizados e começaram a empreender a luta por melhorias estruturais, como água e esgoto.

As palafitas desapareceram gradualmente graças aos aterros promovidos pelos próprios moradores ao longo dos anos. As últimas foram demolidas na década de 1980, por iniciativa do Projeto Rio, do Governo Federal, sendo esses moradores transferidos para os novos conjuntos então construídos: a Vila do João e, mais tarde, a Vila do Pinheiro.

2.8.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro
- B. Data da Fundação:** 01/12/1959
- C. Nome do Presidente atual:** Charles Gonçalves Guimarães
- D. Endereço da Associação:** Rua Nova Canaã, 8 / 21042-560
- E. Telefone:** (21) 2290-1092 / 9619-4659
- F. Email:** associacaobx@yahoo.com.br

2.9. Um pouco da História de Nova Maré (1996)

Conjunto habitacional inaugurado pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro em 1996 com o objetivo de assentar moradores removidos de palafitas no Parque Roquete Pinto. Situado em área de aterro vizinha à Baixa do Sapateiro, decorrente da construção da Linha Vermelha, o seu projeto tem o mesmo perfil que o Conjunto Bento Ribeiro Dantas.

2.9.1 Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Conjunto Habitacional Nova Maré
- B. Data da Fundação:**
- C. Nome do Presidente atual:** Flávio Aguiar Rodrigues
- D. Endereço da Associação:** Rua Ivanildo Alves, bloco 100, quadra 4, lojas 5 e 6 CEP: 22143-230
- E. Telefone:** (21) 3105-4180 / 8603-4469

2.10. Um pouco da História do Parque Maré (1953)



Elisângela Leite

A partir do estabelecimento da Baixa do Sapateiro e seu crescimento, surge, no início dos anos 50, um novo núcleo de ocupação: o Parque Maré. Este possui características muito próximas aos da Baixa do Sapateiro. Nesse Sub-bairro, os moradores também construíram o que se convencionou chamar de palafitas, ou seja, casas de madeira que ficavam equilibrados sobre as águas, apoiadas por estacas fincadas no fundo da Baía de Guanabara e que chegavam a ter até três metros de altura.

No início dos anos 60, com o aterramento da área próxima a Av. Brasil pelo governo Carlos Lacerda – junto a atual Rua Teixeira Ribeiro – e a criação a Associação de Moradores, a luta pela fixação definitiva da nova comunidade ganha força e vai se consolidando ao longo das décadas de 70 e 80.

Originalmente uma extensão da Baixa do Sapateiro, distinguia-se por sua proximidade da Av. Brasil, apresentando, por essa razão, uma densidade demográfica mais elevada. As primeiras palafitas e precários barracos foram erguidos a partir do início da década de 1950, a partir dos mangues existentes no final da Rua Flávia Farnese e 17 de fevereiro. Os moradores pediam aos caminhões de entulho que transitavam pela Av. Brasil, que despejassem a sua carga na área, promovendo desse modo um aterro coletivo.

O nome tem origem no fenômeno natural das marés que causava grande sofrimento aos moradores da localidade, a maioria vivendo em palafitas. Segundo moradores mais antigos, a maré cheia trazia cobras, ratos e muita lama. O Parque Maré teve

uma grande expansão na década de 1960. Nessa mesma época, foi criada a sua Associação de Moradores que, dentre outros objetivos, tinha como missão principal lutar pela permanência da comunidade e pela não remoção dos moradores, uma vez que as investidas dos governos para a erradicação dessa ocupação foram muitas. Sua ocupação consolidou-se após a atuação do Projeto Rio, do Governo Federal, nas décadas de 1980 e 1990, que demoliu as últimas palafitas, transformando-as em casas de alvenaria. Atualmente o Parque Maré conta com relativa infra-estrutura.

2.9.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:**
- B. Data da Fundação:** 26 de Julho de 1960
- C. Nome do Presidente atual:** Jose Gomes Barbosa
- D. Endereço da Associação:** Flavio Franerse, nº45
- E. Telefone:** (21) 3105-6930 / 3104-4380
- F. Email:** josecarlosmare@yahoo.com.br

2.10. Um pouco da História da Nova Holanda (1962)



A Nova Holanda teve um processo de formação que se distingue dos outros da época. Localizada sobre um aterro realizado ao lado do Parque Maré, no final da Rua Teixeira Ribeiro, ela foi planejada e construída pelo poder público na década de 1960, sob o governo de Carlos Lacerda. Tinha como objetivo ser um abrigo provisório

destinado aos moradores de morros do Rio que foram demolidos para a ampliação da cidade. O grande porte desse aterro influenciou a escolha do nome do empreendimento - Nova Holanda - uma vez que aquele país europeu localiza-se, em grande parte, abaixo do nível do mar.

Não se constituía, entretanto, em um Conjunto Habitacional, uma vez que foi concebido como um Centro de Habitação Provisório (CHP). O seu projeto era regular, disposto sobre uma malha ortogonal, com casas em série, idênticas, erguidas em madeira, em duas tipologias:

- Unidades individuais simples e
- Unidades duplas em dois pavimentos (denominadas como modelo "vagão" ou "duplex").

Essa característica não permitia, originalmente, que fossem realizadas benfeitorias pelos moradores, registrando-se, em pouco tempo, a rápida degradação das unidades. Os seus primeiros moradores chegaram em 1962, oriundos da remoção da Favela do Esqueleto (atual campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), da praia do Pinto, do morro da Formiga, do morro do Querosene e das margens do rio Faria Timbó, sob a coordenação da Fundação Leão XIII, que controlava tanto o processo de remoção quanto o gerenciamento dos CHPs.

Os alojamentos deveriam servir como uma etapa intermediária no assentamento definitivo dessas populações em Conjuntos Habitacionais na periferia da cidade. Entretanto, por falta de continuidade política do projeto, as casas provisórias de madeira acabaram por se tornar definitivas, registrando-se a favelização do conjunto na medida em que cada morador introduziu modificações arquitetônicas conforme as próprias necessidades e segundo próprio critério. A falta de serviços básicos e o rígido controle da Fundação Leão XIII ocasionou o surgimento de conflitos.

Tantos conflitos propiciaram a mobilização popular. Na década de 1970, solidificam-se grupos de apoio à comunidade, sendo eles: grupo das mulheres e o grupo de jovens da Igreja Católica. Em 1979 é instituída a primeira assembléia para a criação da Associação de Moradores de Nova Holanda, e, posteriormente, a Creche e Escola Comunitária de Nova Holanda e a Cooperativa Mista e de Consumo dos Moradores de Nova Holanda.

Em 15 de novembro de 1984, um fato inédito chama a atenção da sociedade para a Nova Holanda. É escolhida uma nova direção para a Associação d Moradores, num pleito o qual votaram aproximadamente 2000 residentes.

2.10.1 Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação Pró-desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda
- B. Data da Fundação:** 1981
- C. Nome do Presidente atual:** Marco Antonio Castro de Oliveira
- D. Endereço da Associação:** Bitencourt Sampaio, 1008
- E. Telefone:** (21) 3105-7148 / 78467100
- F. Email:** rafagatoprofessor@yahoo.com.br

2.11. Um Pouco da História do Parque Rubens Vaz (1954)



Ao mesmo tempo em que o Parque Maré se desenvolvia, surgia uma nova comunidade que mais tarde ficaria conhecida como Parque Major Rubens Vaz, ou simplesmente Rubens Vaz⁷. Localizada no que seria um grande areal, o Parque Rubens

⁷ Esse nome foi criado em 1965 em uma homenagem ao major da Aeronáutica assassinado na Rua Toneleiros em 1954 quando fazia a segurança do jornalista e futuro governador da Guanabara Carlos Lacerda. Esse fato marcou profundamente a história do Brasil, pois o atentado que deveria calar Lacerda, foi creditado ao então presidente Getúlio Vargas, fato que contribuiu para o agravamento da crise política que levou Vargas ao suicídio.

Vaz possuía um líder que seria fundamental para seu desenvolvimento: o paraibano João Araújo. Ele organizou a construção dos barracos, o aterramento das ruas e a obtenção de água a partir do rompimento de uma adutora que passava pela Av. Brasil.

Formou-se a partir de 1954 e recebia o nome de Areal, uma vez que, devido à drenagem e à canalização do canal da Zona Portuária, a comunidade recebia a areia oriunda dessa obra, causando problemas aos moradores. Também ficou conhecida como Caracol, nome provindo de uma passarela próxima, que fica na entrada da comunidade e que tem esse formato. A ocupação surgiu junto ao canal do Rio Ramos, hoje transformado em uma vala, chamada de valão.

O aterro foi realizado pelos próprios moradores que utilizaram carvão, serragem e entulhos. Um detalhe importante na demarcação do limite dos lotes era o seguinte: o barraco era construído na frente do terreno e o banheiro nos fundos para aumentar o tamanho do lote. Quando uma família não tinha condição de construir o banheiro, ela utilizava uma ponte de madeira para usar o banheiro do vizinho.

Outro nome importante para a comunidade foi o de Margarino Torres. Advogado comunista, ele defendeu a permanência dos moradores contra as tentativas de expulsão feitas pelo Estado. Com o rápido crescimento da Rubens Vaz e a conseqüente falta de espaço, Margarino Torres começou a organizar outras ocupações na Maré.

2.11.1 Dados atuais da Associação de Moradores

A. Nome da Organização: Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

B. Data da Fundação: 27/12/1965

C. Nome do Presidente atual: Vilmar Gomes Cristótomo

D. Endereço da Associação: João Araújo, 117 / 21044-075

E. Telefone: (21) 3105-7146 / 9742-0213

F. Email: ve-wi@hotmail.com

2.12. Um pouco da História do Parque União (1961)



O Parque União foi estabelecido sobre um aterro feito por uma empresa particular que por problemas financeiros repassou o terreno para a Caixa de Amortização da União. Margarino Torres, o mesmo que ajudou a consolidar a Rubens Vaz, estabeleceu o traçado das primeiras ruas – fato fundamental para a atual configuração do Parque União, em geral com ruas bem mais largas e de traçado mais regular que todas as outras comunidades iniciais a exceção de Nova Holanda. Margarino delimitou o tamanho e a localização dos primeiros barracos e decidiu quem podia ou não morar na comunidade.

É interessante observar que ele cobrava taxas aos novos moradores⁸, bem como exigia a apresentação de carteira de trabalho e documentos para aceitar a sua fixação. Por vezes, Margarino Torres agiu de forma autoritária, pois chegou a incendiar barracos de moradores que desobedeceram suas ordens. Em 1961, ele deixa a comunidade por conta de problemas políticos internos. É a época em que foi criada a Associação de Moradores e, a partir daí, a prioridade passa a ser a melhoria da infraestrutura do local e a definitiva conquista do direito de permanecer nele, fato que se consolida no final da década de 70.

⁸ Essas taxas pagavam os honorários de Margarino Torres e deveriam ser reinvestidas na melhoria da infraestrutura da comunidade.

As casas eram construídas primeiramente em madeira. Internamente os moradores levantavam as paredes em alvenaria, isso tudo feito às escondidas, pois, segundo a população, o governo proibia essa forma de construção. A madeira só era retirada quando a casa já estava praticamente pronta.

O projeto inicial dos responsáveis pela ocupação do Rubens Vaz era o de criar um bairro popular, com boa infraestrutura urbana. Outras fontes mostram que a comunidade é fruto de uma das primeiras invasões urbanas planejadas de que se tem notícia, em fins da década de 1950. No início da década de 80, ocorreria a desocupação da comunidade organizada pelos militares. Contudo, os moradores se organizaram e enviaram carta ao então presidente João Figueiredo. Depois de muita resistência por parte dos moradores, a idéia foi descartada. Fica situado junto à Avenida Brigadeiro Trompowski, próxima a entrada da Ilha do Governador. A partir do ano 2000 teve ampliação, a partir da saída de algumas empresas fábricas, que deixaram esses espaços ociosos. A ampliação do Parque União foi organizada por alguns moradores que definiram, sendo criado um conjunto de casas, agora denominado de Novo Parque.

2.12.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores do Parque União
- B. Data da Fundação:** 19/3/1962
- C. Nome do Presidente atual:** Edinaldo Batista dos Santos
- D. Endereço da Associação:** Rua: Ary Leão, n 33
- E. Telefone:** (21) 3882-55-10 / 7887-6969
- F. Email:** Não possui

2.13 Um pouco da História de Roquete Pinto (1955)



A comunidade foi contruída sobre um aterro realizado pelos próprios moradores, a partir de 1955, às custas do manguezal, no final da Rua Ouricuri. O processo de urbanização deu lugar a domicílios de alvenaria. O seu nome é uma homenagem a Edgar Roquette-Pinto, fundador da primeira rádio do estado do Rio de Janeiro, hoje a Rádio MEC, pois na época da ocupação havia uma antena de transmissão de rádio na comunidade. A comunidade de Roquete Pinto fica ao lado do terreno do quartel do 24º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro.

2.13.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. **Nome da Organização:** Associação de Moradores Comunitária Roquete Pinto
- B. **Data da Fundação:** 1965
- C. **Nome do Presidente atual:** João Batista da Silva Segunda
- D. **Endereço da Associação:** Rua: Ouricuri, n 135
- E. **Telefone:** (21) 3105- 9183 / 7839-4328 / 82691310

2.13. Um pouco da História da Praia de Ramos (1962)



A comunidade que forma a Praia de Ramos se estruturou a partir de 1962, embora os primeiros moradores tenham começado a chegar no final dos anos 50 - em torno da pesca e do comércio de peixe. Essa atividade sustentou por muito tempo as gerações de moradores. No início, assim como em outras comunidades não foi fácil construir os primeiros barracos, pois era necessário aterrar o mangue e isso só podia ser feito à noite por conta da ação da polícia que sempre reprimia as construções. Em 1957, um grande incêndio apavorou os moradores e obrigou-os a reconstruir suas casas com a ajuda dos vizinhos. A partir daí a comunidade se consolida. Outra vantagem de morar na Praia de Ramos era a possibilidade de arrumar emprego próximo, pois a Av. Brasil facilitou a instalação de fábricas e indústrias por perto.

A praia mais famosa do subúrbio carioca, a Praia de Ramos, aparecia nos mapas antigos como Mariangú, que na linguagem indígena significava mangue. A região era território de criação de caranguejos que serviam de alimentos para animais do entorno da Baía de Guanabara. O nome Maria Angú foi uma adaptação livre dos próprios moradores. Há ainda uma outra versão que fala sobre a existência de uma antiga moradora chamada Maria, conhecida na região por vender angu.

Apesar de fisicamente pertencer ao conjunto de comunidades que formam o Bairro Maré, a região também participa das comemorações anuais da festa do Bairro de Ramos. Pertence a essa comunidade a única praia existente hoje na Zona da

Leopoldina. Esse antigo balneário está poluído e proibido para o banho de mar. Em substituição à área de lazer, foi inaugurado em dezembro de 2001 um grande lago artificial, chamado de Piscinão de Ramos. Hoje é administrado pela Prefeitura, e foi rebatizado de Parque da Vizinhança de Ramos.

2.14.1. Dados atuais da Associação de Moradores

A. Nome da Organização: Associação de Moradores do Parque

Habitacional da Praia de Ramos

B. Data da Fundação: 13/06/1986

C. Nome do Presidente atual: Jaime Felipe da Silveira

D. Endereço: Largo da Felicidade, 2 / - Praia de Ramos

CEP: 21030-0400

E. Telefone: (21) 3109-04-26 / 3104- 7502

2.15 Um pouco da História de Marcílio Dias (1948)



Marcílio Dias – nome em homenagem a um marinheiro que se destacou na guerra do Paraguai - foi fundado a partir de uma pequena colônia de pescadores criada por famílias que viviam dessa atividade na praia da Moreninha. Está localizada entre a fábrica Kelson's e o mercado São Sebastião, fundado em 1949. A proximidade com a fábrica e com o mercado faz com que a população de Marcílio Dias, além da atividade

da pesca pudesse buscar emprego em outros ramos econômicos. Isso contribuiu para a fixação da comunidade que em 1994 foi incorporada ao bairro Maré por uma lei da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

Formada na antiga Praia das Moreninhas, entre os terrenos da Casa do Marinheiro e da fábrica Kelson, a partir de 1948. O processo de ocupação começou quando oito famílias de pescadores que ali ergueram palafitas. O seu nome é uma homenagem ao marinheiro da Armada Imperial Brasileira, Marcílio Dias.

Apesar da proximidade com o Mercado São Sebastião, atualmente conta com um comércio de pequeno porte. Dentro dessa comunidade insere-se outras comunidades menores, denominadas Mandacaru, Terra Nostra e kelson.

A comunidade de Marcílio Dias cresceu com a construção do conjunto habitacional na época do Projeto Rio. É a comunidade mais distante do restante da Maré, por ser dividida pela área militar da Marinha.

2.15.1. Dados atuais da Associação de Moradores

- A. Nome da Organização:** Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias
- B. Data da Fundação:** Década de 1980
- C. Nome do Presidente atual:** Jupira de Carvalho dos Santos
- D. Endereço da Associação:** Av. Lobo Júnior, 83 - Penha Circular / 21011-680
- E. Telefone:** (21) 2584-2338 / 8128-3612
- F. Email:** jupira.santos@yahoo.com.br

3. Demandas atuais apresentadas pela Associações de Moradores da Maré para elaboração do Projeto a “Maré que Queremos”

3.1. Na área da Saúde:

Ampliação da rede de saúde existente	Melhoria do Serviço já existente
Construção de mais uma UPA na região	Oferecer nos Postos de Saúde já existentes as seguintes especialidades: ortopedia, pediatria, dentistas, dermatologia, homeopatia, geriatria.
Edificação de mais dois centros grandes de saúde	Colocar especialidades como psiquiatria e psicólogos nas Unidade de Pronto-Atendimento- UPA e no Centro Municipal de Saúde Américo Veloso;
Implantação de uma Farmácia Popular	Ampliar o Programa Médico de Família
Implantação do Programa “Brasil Sorridente”	Ampliar o sistema de Vacinação
Edificação de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)	Criação de programas de prevenção a determinadas doenças como as DSTs

3.2. Na área de Educação:

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Construção de mais 2 escolas de Ensino Médio	Abertura das escolas de ensino fundamental no horário noturno com Educação de Jovens e Adultos
Construção mais creches nas comunidades que ainda não possuem ou as que necessitam de ampliação, como: Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Bento Ribeiro Dantas, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Parque União, Praia de Ramos e Marcílio Dias	Ampliação do atendimento aos alunos que possuem necessidades especiais
Edificação de 2 escolas técnicas (FAETEC)	Melhorias da infra-estrutura das escolas em funcionamento atualmente.
Construção de uma Escola para Jovens e Adultos para funcionamento manhã, tarde e noite, projeto CREJA.	

3.3. Na área das Artes e da Cultura

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Construção de 3 Brinquedotecas	Revitalização da Lona Cultural de Ramos
Edificação de 2 grandes bibliotecas	Criação de Programa para ajuda a escola de samba existente e/ou aos blocos locais
Colocação de mais 1 Lona Cultural na Maré	Colocação de 2 salas de cinema
Criação de uma Escola de Circo na Maré	

3.4. Na área do Esporte e do Lazer

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Criação de Quadra Poliesportiva em cada comunidade.	Oferecer todas as modalidades de esportes na Vila Olímpica
Edificação de mais 1 Vila Olímpica na Maré	Criar programa para dar subsídio aos vários grupos da Maré que trabalham com esportes
Realizar obras em todos os campos de futebol existentes	Reforma das quadras de esporte já existentes em todos os sub-bairros da Maré
Oferecer colônia de férias em cada sub-bairro da Maré com a parceria da Associação de Moradores	
Construir ciclovia em toda extensão da Maré e para outras partes da cidade	
Edificação de quadra poliesportiva nas comunidades que ainda não possuem	
Organização de eventos esportivos anuais em parceria com as Associações de Moradores	

3.5. Na área de Segurança Pública

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Colocação de determinados órgãos públicos de acesso à justiça (juizados especiais, defensoria, de defesa do consumidor, dentre outros)	Criar programas de formação e treinamento permanente dos policiais que atuam na Maré
	Proibir a entrada de policiais sem mandado de segurança nas casas dos moradores

3.6. Na área do Meio Ambiente

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Criação de Programas de Educação Ambiental no Parque Ecológico e nas escolas	Realização de trabalho de paisagismo nas praças de todas as comunidades
Implantar coleta seletiva de lixo	Reurbanização de todos os espaços públicos
Criar pontos de entrega de lixo tóxico	Reurbanização do canal eixo 300
Criação de pontos de entrega de lixo seletivo	Plantação de árvores em todas as comunidades
Realizar campanhas educativas em torno da questão do lixo	Colocação de plantas ou árvores de pequeno porte nas áreas onde não for possível colocar árvores
Criação de Programa de manutenção das Praças e árvores existentes	Limpeza dos canais entre R.V e P.U
	Ampliação de melhoria dos serviços de manutenção dos postos da CEDAE, da Secretária de Obras e da COMLURB.

Ajudar na criação de cooperativa de catadores e reciclagem	Oferecer capacitação permanente aos profissionais da CEDAE e COMLURB
Realizar obras de revitalização do Parque Ecológico	Realização de obras de ampliação das redes de esgoto sanitário, pluvial e de água potável
Realizar limpeza na Praia de Ramos	

3.7. Na área da Iluminação Pública

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Criação de setor na Maré de manutenção da rede	Manutenção da rede existente – Light e Rio Luz
	Troca e ampliação da rede pública de iluminação em todas as 16 comunidades da Maré
Troca de todos os postes de madeira ainda existentes em quase todas as comunidades	
Colocação de rede e luminárias em todos os bicos e travessas de todas as 16 comunidades	
Colocação de setor da Light para atendimento local aos moradores	

3.8. Na área do Trabalho e da Geração de Renda

Ampliação dos Serviços existentes
Criação de uma cooperativa pela Prefeitura de geração de renda e trabalho
Colocação de projeto para ofertar emprego
Ofertar formação aos trabalhadores em diversas áreas
Colocação de um posto do SINE na Maré
Colaboração para formalização do comércio local
Articular a colocação de um banco na Maré
Incentivo para colocação de mais Casas Lotéricas

3.9. Na área do Transporte

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
A Prefeitura negociar a colocação de ônibus dentro da Maré	Prefeitura ajudar na legalização do transporte alternativo
Construção de terminais em determinados pontos da Maré	Ordenamento do transporte existente
Discussão com as Associações de Moradores sobre definição de itinerários dos ônibus	

3.10. Na área Habitacional

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Regularização fundiária em todas os 16 sub-bairros da Maré	Incentivo e/ou subsídio para melhoria das habitações existentes
Criação de programa para aquisição de habitação popular	Colocação de placas em todas as ruas das 16 sub-bairros da Maré, bem como dos números das casas

3.11. Na área da Comunicação

Ampliação dos Serviços existentes	Melhoria do Serviço existente
Colocação de sistema para captação gratuita de internet a todos os moradores	Colocação de mais telefones públicos em todas os 16 Sub-bairros da Maré
Criação de pontos de inclusão digital em parceria com as Associações de Moradores	


3.12. Outras demandas

Implantação de agência dos Correios em pontos estratégicos da Maré
Contribuição para realização de melhorias nos espaços das Associações de Moradores
Implantação de Agência Bancária na região da Maré
Entrega domiciliar de correspondências pelos Correios
Implantação de serviços voltados para a formalização e formação do pequeno e médio empreendedor

4. Anexos

Reuniões

01

Reunião Sobre Projeto A Maré que Queremos				
Participantes: Associações de Moradores				
Local: Centro de Artes da Maré				
Data: 12 de maio de 2010				
Horário: 10 horas da manhã				
				
Nº	NOME DA INSTITUIÇÃO	NOME DO REPRESENTANTE (assinatura completa e legível)	TELEFONE	E-MAIL
1	MARCINHO DIAS	Nelson Sandomama Junior	9504-2668	JuniorSVK@hotmail.com
2	MARCILIO DIAS	Rafael de Souza Amorim	41040468	
3	DEBES P	Vanessa	99039329	DEBES@DEBES.COM.BR
4	LONA CULTURAL DA MARÉ	Alberto Alcino de Souza	8271-8419	ALBERTO@LONA.COM.BR
5	A.M.P.U	Sandro Bred	3882-5510	fabio@aul@yahoo.com.br
6	AMP.RV	Barbara Lucia Sales Quintanilha	3105-7116	Ue.Wi@hotmail.com
7	REDES P	Elisana Sousa Silva	7858-6467	elisana@redesdamare.org.br
8	APDINH P	Florencia Diniz de Oliveira	91289216	imenes@ig.com.br
9	BAIXA DO SAPA EIRO	Paula S. Junior	2290-7092	
10	MARCO DO SIMBAU	Shirley Fátima Fortino	3105-7008	amarcamelo@bol.com.br
11	AMOKIO	Marcos Vinícius de M. G.	3104-9787	ommesip.rije@hotmail.com
12	A.M.A.C. Bento Ribeiro Santos	Luiz Vicente Torres da Silva	9332-6349	layterres@gmail.com
13	PROTEJO MARÉ (RVA)	Sinego do N. Polanco	3884-5860	SEFPOLLY@GMAIL.COM
14	COMOUIPI	Mônica Górito Aguiar	3303-3338	MONICA.GORITO@hotmail.com
15	ASS. BRD	Amplida Vicente de Carvalho	9292-2038	
16	ASS. MA. Praia de Maré	Fabiano Souto da Silva	9772-6645	Fabiano.Federico@MREJ
17	AHACE	Mikena Silva de Souza	2573-6958	Mikena.Silva.de.Souza@yahoo.com.br
18	II	Marcos Vinícius da Silva	8873-5958	
19	Louca Maré	Osvaldo Aguiar Rodrigues	8603-4469	
20	ASS. M. Nova Holanda	Marcos Antonio Castro de Oliveira (RAFA)	7846-7100	Rafagato@proton@yahoo.com.br
21	ASS. M. Quinta Pinta		3105-9183	8267-1310
22	ASS. M. Quinta Pinta	Regina Antonia de Silva	5264-4453	D.F.F.50@hotmail.com
23	RAFAEL - H. HONDA	WILSON A. L. M. (Primo do RAFAEL)	3816-7100	RATO2001@yahoo.com.br
24	ASS. M. Quinta Pinta	MARCO LENO	99545999	MARCOLENO133@hotmail.com
25	ASS. M. Quinta Pinta	A. M. M. Timbó	78735553	OSMARCAMELO@BOL.COM
26	ASS. MAR. DO PARQUE MARÉ	Jose Carlos Gomes Bragosa	8675369/3656930	
27	ASS. PENA DE DAMAS	JATME FELIPE DA SILVA	78625012	JATME.FELIPE@Yahoo.com.br
28	ASS. COM. ROQUETE PINTA	JOÃO BATISTA DA SILVA SEGUNDO	8269-1310	
29	ASS. PENA DE DAMAS	Jupira Carvalho dos Santos	2584-2338	
30	Comunidade Pinta		3882-4924	
	Elisana Sousa Silva		78586468	

02

Projeto A Maré que Queremos
 Reunião dia 27 de Maio de 2010
 Participantes: Associações de Moradores
 Local: Centro de Artes da Maré
 Data: 12 de maio de 2010



Nº	NOME DO REPRESENTANTE (completo e legível)	NOME DA INSTITUIÇÃO (assinatura completa e legível)	ASSINATURA (assinatura completa e legível)
1	Família N. Norvalle	ASS. BRD	Família N. Norvalle
2	AFONICA GOKITO AZEVEDO	COMUNICAR	AFONICA GOKITO AZEVEDO
3	Jorge Antônio de Souza	COMUNICAR	Jorge Antônio de Souza
4	Katrine Augusta Lacerda	APDHNA	Katrine Augusta Lacerda
5	Roseni Lima de Oliveira	Promosei/Mulheres da Paz	Roseni Lima de Oliveira
6	Diana Rodrigues	Promosei/MdP	Diana Rodrigues
7	Daniela Passanha Teixeira	BAIXA DO SA PARECINHO	Daniela Passanha Teixeira
8	Charles Gomes Guimarães	REDES DA MARÉ	Charles Gomes Guimarães
9	Feenanda Gomes da Silva	Associação de Moradores da Maré	Feenanda Gomes da Silva
10	Alberto Alcides de Souza	Associação de Moradores da Maré	Alberto Alcides de Souza
11	Carlos Eduardo Gomes Lacerda	Associação de Moradores da Maré	Carlos Eduardo Gomes Lacerda
12	Maurício Barreiros	Associação de Moradores da Maré	Maurício Barreiros
13	Vilmaria Gomes	Associação de Moradores da Maré	Vilmaria Gomes
14	Gláucia Gouveia da Silva	Associação de Moradores da Maré	Gláucia Gouveia da Silva
15	José Carlos Gomes Barzosa	Associação de Moradores da Maré	José Carlos Gomes Barzosa
16	Marlene Lopes da Silva	Associação de Moradores da Maré	Marlene Lopes da Silva
17	Edson Dantas	Associação de Moradores da Maré	Edson Dantas
18	Osmeir Costa Bonato	Associação de Moradores da Maré	Osmeir Costa Bonato
19	Shirley Ribeiro Fortino	Associação de Moradores da Maré	Shirley Ribeiro Fortino
20	Antônio Moura	Associação de Moradores da Maré	Antônio Moura
21	Denise Aguiar Rodrigues	Associação de Moradores da Maré	Denise Aguiar Rodrigues
22	Aspasia Camargo	Associação de Moradores da Maré	Aspasia Camargo
23	Eliane Sousa Lima	Associação de Moradores da Maré	Eliane Sousa Lima
24			

03



PROJETO A MARÉ QUE QUEREMOS
 REUNIÃO DIA 19 DE MAIO DE 2010
 LOCAL: CENTRO DE ARTES DA MARÉ
 HORÁRIO: 10:00h

PARTICIPANTES: ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DA MARÉ

Número	Nome Completo	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
1	MARCO A. CASTRO DE OLIVEIRA (RAFA)	ASS. MORADORES N. HOLANDA	MARCO A. CASTRO DE OLIVEIRA
2	ROSENI LIMA DE OLIVEIRA	ASS. PRO-DESENV. COM. FORTUNA	ROSENI LIMA DE OLIVEIRA
3	FABIO BACIL	SABES BACIL A.M.P.U	FABIO BACIL
4	ALBERTO ALCIDES DE SOUZA	HORA DA MARÉ	ALBERTO ALCIDES DE SOUZA
5	CHARLES G. GUIMARAES	BAIXA DO SA PARECINHO	CHARLES G. GUIMARAES
6	Jorge Antônio de Souza	UTE DO TUCURUÍ	Jorge Antônio de Souza
7	Família N. Norvalle	ASS. BRD	Família N. Norvalle
8	Gláucia Gouveia da Silva	COMUNICAR VILAS PINHOS	Gláucia Gouveia da Silva
9	Gláucia Gouveia da Silva	ASS. MOR. DA PAZ DE LAM	Gláucia Gouveia da Silva
10	Lucia Sábina de Oliveira	ASS. MOR. DO P. BULGÃO	Lucia Sábina de Oliveira
11	Sergio do N. Policampo	PROFESSOR FORTIJO MANI-VIVÃO	Sergio do N. Policampo
12	Marcelo Gomes da Silva	A.M.O.J.O	Marcelo Gomes da Silva
13	Osmeir Costa Bonato	ASS. MORADORES, VILAS DO FORTIJO	Osmeir Costa Bonato
14	OSMEIR COSTA BONATO	A.M.M. T.M.B.M.	OSMEIR COSTA BONATO
15	José Carlos Gomes Barzosa	ASS. MOR. DO PARQUE MORENO	José Carlos Gomes Barzosa
16	José Carlos Gomes Barzosa	ASS. PENA DE LAMON	José Carlos Gomes Barzosa
17	JOSÉ BATISTA DA S. SILVA	ASS. COM. ROQUE PAVÃO	JOSÉ BATISTA DA S. SILVA
18	Eliane Sousa Lima	Redes	Eliane Sousa Lima
19			

REDES
Redes de Desenvolvimento da Maré

PROJETO A MARÉ QUE QUEREMOS
REUNIÃO DIA 09 DE JUNHO DE 2010
LOCAL: CENTRO DE ARTES DA MARÉ
HORÁRIO: 10:00h

PARTICIPANTES: ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DA MARÉ

Número	Nome Completo	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
1	Thyris Carvalho da Silva	Associação Marchão das	Thyris Carvalho da Silva
2	Alberto Aleixo	MONA CULTURAL DA MARÉ	Alberto Aleixo
3	Eliane Sousa Silva	Redes	Eliane Sousa Silva
4	Marielly Lopes da Silva	Amarel	Marielly Lopes da Silva
5	Paula Pereira	Comunidade	Paula Pereira
6	Mônica Gorto Adriano	COMUNIDADE	Mônica Gorto Adriano
7	Mae Jurema Brasil G. J.	AMOVILJO	Mae Jurema Brasil G. J.
8	Mário Antônio C. Oliveira (Rafael)	ASS. Moradores P. Holanda	Mário Antônio C. Oliveira (Rafael)
9	Jeffrey Louz de Almeida	ASS. Mor. da Praia de Lama	Jeffrey Louz de Almeida
10	Charles G. Guimarães	ASS. Mor. Baía do Sapão	Charles G. Guimarães
11	Rui Truncho	Redes	Rui Truncho
12	Jose Carlos Gomes Barbosa	ASS. Moradores Praia Maré	Jose Carlos Gomes Barbosa
13	Leandro Aguiar Pedreira	NOVA MARÉ	Leandro Aguiar Pedreira
14			
15			
16			
17			

REDES
Redes de Desenvolvimento da Maré

PROJETO A MARÉ QUE QUEREMOS
REUNIÃO DIA 15 DE JUNHO DE 2010
LOCAL: CENTRO DE ARTES DA MARÉ
HORÁRIO: 10:00h

PARTICIPANTES: ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DA MARÉ

Número	Nome Completo	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
1	Simone N. Carvalho	ASS. BRD	Simone N. Carvalho
2	Shirley Paiva Camilo	A.M. Morro do Sumbau	Shirley Paiva Camilo
3	Emilee Lúcia de Oliveira	Amarel/Longunheira	Emilee Lúcia de Oliveira
4	Mônica Gorto Adriano	COMUNIDADE	Mônica Gorto Adriano
5	Charles G. Guimarães	ASSC. Baía do Sapão	Charles G. Guimarães
6	Cláudia Brito da Silva	ASSOC. Povo Ecológico	Cláudia Brito da Silva
7	Paula Louz de Almeida	ASS. Obra da Praia do Brasil	Paula Louz de Almeida
8	Alberto Aleixo	REDES	Alberto Aleixo
9	Kestene Liliotti	Redes	Kestene Liliotti
10	ELENA MARTINS	Petropolis/Campes	ELENA MARTINS
11	NATÁLIA SAD	Petropolis/Campes	NATÁLIA SAD
12	VILMAR GOMES CRISTIANO	ASS. Mor. Baía do Sapão	VILMAR GOMES CRISTIANO
13	Mae Jurema Brasil G. J.	AMOVILJO	Mae Jurema Brasil G. J.
14	Thyris Carvalho da Silva	Associação Marchão das	Thyris Carvalho da Silva
15	João Brito de S. Segura	ASS. Recreio/Pedra Branca	João Brito de S. Segura
16	Kestene Liliotti	Associação da Praia do Brasil	Kestene Liliotti
17	Jeffrey Louz de Almeida	ASS. Mor. Praia de Lama	Jeffrey Louz de Almeida
18	Jose Carlos Gomes Barbosa	ASSOC. N. Moradores Maré	Jose Carlos Gomes Barbosa
19	Gustavo G. de S. Barbosa	Associação da Praia do Brasil	Gustavo G. de S. Barbosa
20	Eliane Sousa Silva	Pedra Branca	Eliane Sousa Silva

REDES
Redes de
Desenvolvimento da Maré

PROJETO A MARÉ QUE QUEREMOS
REUNIÃO DIA 14 de julho de 2010
LOCAL: CENTRO DE ARTES DA MARÉ
HORÁRIO: 10:00h

PARTICIPANTES: ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DA MARÉ

Número	Nome Completo	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
1	Lucia, Wallys da Silva	Paralelo Educacional V.P	[Assinatura]
2	Marlene Gomes da Silva	Imule	[Assinatura]
3	LEONIDES MARIANO ROQUE	PARQUE R.V	[Assinatura]
4	Socorbaldo dos Santos	ROQUETE PINTO	[Assinatura]
5	Marcos Vinícius da Silva	Chais de Raposo	[Assinatura]
6	Shyla Soriano da Silva	Ass. Mor. Morro do Simbau	[Assinatura]
7	Marcelo B. 97	AMOVISO	[Assinatura]
8	Paula Figueira Figueira	Deixa de Sapateiro	[Assinatura]
9	Elaine Loureiro	Legião de Mor	[Assinatura]
10	Renata Dama de Oliveira	Assoc. Holanda	[Assinatura]
11	Shynli Loreto de L. to	Reds	[Assinatura]
12			
13			
14			
15			
16			
17			

Fotos dos encontros





**Este documento foi sistematizado pela
Redes de Desenvolvimento da Maré,
a partir das contribuições dos representantes
das Associações de Moradores da Maré.**